

A SEGURANÇA E O OUTRO NOS TEMPOS DO CORONAVÍRUS

Gabriel Vilarinho

Mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Pesquisador do Laboratório de Filosofia Contemporânea da UFRJ.

Resumo: Este artigo-ensaio tem por objetivo abordar os desdobramentos e limites da pandemia em curso de coronavírus no Brasil e no mundo. Possui como foco a discussão das questões e relações da segurança e da marginalização do outro com a promoção de políticas da morte na eliminação das populações pobres, negras, sub-empregadas e moradoras de zonas periféricas.

Palavras-chave: pandemia; biopolítica; necropolítica; segurança.

Abstract: This article-essay aims to address the developments and limits of the ongoing coronavirus pandemic in Brazil and worldwide. It focuses on the discussion of issues and relations concerning the security and marginalization of the other with the promotion of death policies in the elimination of poor, black, underemployed people and residents of peripheral areas.

Keywords: pandemic; biopolitics; necropolitics; security.

Pandemia. Assim foi caracterizado pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020 o surto mundial de SARS-CoV-2 (abreviação para *coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2*), causador da COVID-19 (*doença do coronavírus 2019*). Ainda que comprovado como de origem animal, a razão pela qual o vírus emergiu e se disseminou mundialmente muito tem relação com a degradação e exploração destruidoras do homem sobre o meio-ambiente. Diversas matérias têm sido publicadas sobre a destruição e matança das faunas e floras ao redor do globo em nome do mercado e expansão capitalistas constituírem as razões principais do crescente surgimento e exposição aos seres humanos de doenças infecciosas zoonóticas, isto é, transmissíveis de animais para humanos. No mundo capitalista (neo)liberal, cada vez mais tecnologizado, e fundado pela exploração e pela manutenção de desigualdades, isso não é novidade. Como nos lembra Marcuse (1973),

a exploração do meio ambiente é consequência da exploração do homem pelo homem, assim como seus efeitos destrutivos:

Sem dúvida, a “ordem objetiva das coisas” [das leis econômicas, do mercado] é, ela própria, o resultado da dominação [do homem pelo homem], mas é, não obstante, verdade que a dominação agora gera mais elevada racionalidade – a de uma sociedade que mantém sua estrutura hierárquica enquanto explora com eficiência cada vez maior os recursos naturais e mentais e distribui os benefícios dessa exploração em escala cada vez maior. Os limites dessa racionalidade e sua força sinistra aparecem na escravização progressiva do homem por um aparato produtor que perpetua a luta pela existência, estendendo-o a uma luta total internacional que arruína a vida dos que constroem e usam esse aparato. (Marcuse, 1973: 142).

Ao longo do mês de março, a pandemia se espalhou ainda mais por todos os continentes, levando as gestões governamentais biopolíticas de inúmeros países a adotarem, ainda que em ritmos diferentes, o estabelecimento de quarentena e isolamento social, o fechamento de fronteiras, suspensão de grande parte dos trabalhos e das atividades escolares, dos lazeres nas ruas, a diminuição da circulação de pessoas e transportes; e, até mesmo, em muitos países e cidades, a declaração de estado de emergência e de calamidade pública. O mundo contemporâneo havia se transformado em um cenário de quarentena e de gráficos do aumento exponencial de casos e mortes por coronavírus. Os efeitos destrutivos do biopoder na era neoliberal foram imediatos em diversos lugares: economias estagnadas, mercado desacelerado, hiper lotação e sobrecarga dos sistemas de saúde, falta de EPIs (Equipamento de Proteção Individual) para os profissionais de saúde nos hospitais, milhões de crianças e jovens no mundo sem aulas, aumento do sofrimento de milhares de trabalhadores informais e de desempregados se arriscando sem auxílios e renda, falta de produtos básicos de higiene nos mercados em função do pensamento mesquinho-burguês, milhares de corpos sendo levados por caminhões sem local para enterro, medo e impactos psicológicos causados pelo isolamento, intensificação do desamparo às populações pobres, aos moradores de zonas periféricas e do abandono das populações em situação de rua face aos cuidados tanto básicos de saúde quanto à prevenção à COVID-19.

Em um momento de precariedade da vida, onde não surpreendentemente a “mão invisível do mercado” requer o amparo do Estado – o qual jamais faz em nome do “bem maior”, mas à sua razão - terá o neoliberalismo encontrado o seu limite ou será que o cenário do coronavírus apenas não escrachou o que sempre acontece? É o “fim do mundo”, como alguns fatalistas dizem, ou será que enfim o poder soberano de matar foi “democratizado”

a todos, tal como nos diz Mbembe (2020)? O que será destas vidas expostas à morte quando não possuem o privilégio de usarem máscaras pelo medo do racismo que os enquadram enquanto marginais e quando não possuem o privilégio às condições de estarem seguros em suas casas, seja por precisarem trabalhar todos os dias para (sobre)viverem, seja pela falta de condições básicas de higiene, ou por sequer possuírem uma casa? Mediante à crescentes incertezas, distanciamentos, medos e à fragilidade da vida neste aparente novo mundo, a combinação do biopoder insensato junto ao necropoder parece inflar a segurança a seus excessos produzindo uma declaração absurda em seu tempo, mas não incomum e não mais do que reflexo também da devastação: “estamos em guerra!”¹.

O estado de calamidade e emergência suscitam a legitimidade da guerra. A “economia de guerra”, rapidamente defendida por economistas, adotada por atores internacionais e veiculada pela mídia faz com que qualquer ação securitária que envolva a pandemia em defesa da sociedade esteja dentro do “necessário” e, inclusive, seja desejável. Afinal, “toda campanha sobre a segurança pública deve ser apoiada – para ser crível e rentável politicamente – por medidas espetaculares que provem que o governo pode agir rápido e forte acima da legalidade” (Foucault, 2001: 367). O que quer dizer, na governamentalidade biopolítica da pandemia, não serão as leis que protegerão de antemão² os indivíduos contra o vírus, mas, por exemplo, o uso de drones que, através do infravermelho, medem a temperatura corporal dos indivíduos; a utilização e compartilhamento de dados celulares pelo governo para identificar aglomerações por meio de geolocalização; ou, no caso da cidade do Rio de Janeiro, o “Disk aglomeração”, pelo qual os próprios cidadãos podem denunciar uns aos outros.

Dessa maneira, o discurso de guerra e a produção de mais um inimigo abstrato (ao lado dos já conhecidos “terror” e “drogas”) ao invés de incidirem sobre o coronavírus, apenas fomentam a ideia do *outro* como risco potencial e motivo de medo entre os indivíduos, conferindo legitimidade tanto na escolha da prática governamental entre quem deve viver e quem deve morrer quanto na maneira como irão gerenciar as populações, eximindo-se as responsabilidades. São os casos, por exemplo, do abandono de centenas de corpos nas ruas da cidade de Guayaquil no Equador em virtude do colapso do sistema de

¹ Foram as declarações de diversas figuras internacionais, como o Secretário-Geral da ONU, António Guterres; o presidente dos Estados- Unidos, Donald Trump; o presidente da França, Emmanuel Macron; assim como as de figuras nacionais como o Ministro da Defesa Fernando Azevedo.

² Na biopolítica, evidentemente, as leis não são excluídas da gestão governamental, mas se tornam secundárias, uma vez que o que está em questão não é a população como reunião de sujeitos de direito, mas enquanto sujeitos de interesses, com o qual as leis são utilizadas para se estender as seguridades na gestão das circulações de pessoas, dos ares, de mercadorias, etc. em nome do jogo econômico.

saúde e funerário; dos discursos de empresários e do presidente Bolsonaro afirmando que “o Brasil não pode parar, as consequências econômicas serão maiores do que 5.000 ou 7.000 mortos”, que “alguns vão morrer, mas é a vida”; e como é o caso do novo ministro da saúde Nelson ‘terceiro Reich’, nomeado pelo presidente por “não pensar exclusivamente na vida”, cuja posição defende que entre escolher um adolescente e um idoso, ambos com os mesmos problemas crônicos, seria preciso investir no adolescente, uma vez que o dinheiro na saúde é limitado e o jovem terá toda uma vida pela frente, ao contrário do idoso.

Contudo, se a situação fosse entre escolher “investir” na salvação de um adolescente pobre, negro e da favela ou em um idoso empresário multimilionário, quem seria o escolhido? Ou então, se fossem 5.000 ou 7.000 empresários, milionários e bilionários, será que o Brasil também não poderia parar para salvá-los? Na cidade equatoriana de Guayaquil, a qual possui 17% de sua população em estado de pobreza e extrema-pobreza, se as centenas de corpos fossem dos mais ricos do Equador, será que estariam abandonados pelas ruas? Certamente não, uma vez que “a epidemia é antes uma situação social e política e não um fato biológico, sabemos que ela atingirá diferencialmente, a depender da classe, etnia e gênero de quem estiver em meio a ela” (Augusto, 2020: 6).

Ainda que o inimigo seja abstrato, o seu real alvo, o *outro*, não o é, sendo plenamente localizável nos indivíduos não-privilegiados, trabalhadores em condição de sub-emprego, pobres, negros, moradores de periferias, pessoas em situação de rua, os quais encontram-se na linha de frente dessas políticas da morte. Na situação brasileira, o cálculo é biopolítico: produção de dados, tentativa de estabelecimento de curvas de “mortalidade normal” a partir do achatamento de curva e normalização da pandemia, mas a economia é necropolítica: visa-se produzir mundos de morte, nos quais a vida desses indivíduos não possuem o menor valor a não ser para a serventia das elites e a movimentação de mercados cujos donos, certamente, não estão nem estarão trabalhando. Vide o caso simbólico para a realidade brasileira da primeira morte registrada por coronavírus no estado do Rio de Janeiro: Cleonice, mulher negra, 63 anos, diabética e hipertensa, trabalhava desde os 13 anos de idade como empregada doméstica e há 20 anos trabalhava na casa da patroa no Leblon, bairro nobre do Rio de Janeiro e o mais caro do país. Morava em Miguel Pereira, há 125 quilômetros de distância do local de trabalho e cuidava da patroa, que havia voltado da Itália em março, no começo do pico da doença, e aguardava o resultado do teste de coronavírus – que deu positivo. Em poucos dias, Cleonice se sentiu mal, voltou para casa, deu entrada no hospital público de Miguel Pereira e faleceu 3 dias depois, enquanto a patroa ficou de quarentena.

O coronavírus, seu contágio e mortes apenas expõem a manutenção da colonialidade e o racismo nas diversas estruturas sociais da contemporaneidade. E ainda são sustentados pela própria mídia, pois nas primeiras veiculações do caso, o nome de Cleonice sequer foi informado, reduzindo, até mesmo na morte, a personalidade de Cleonice à apenas sua hierarquia socio-etnico-econômica enquanto “empregada doméstica” atrelada à “patroa”, como nos mostra Djamilia Ribeiro (2020) em coluna da Folha. Igualmente, vemos quem são os reais afetados nesta pandemia: doença que vem dos ricos e mata em grande maioria os pobres, negros e periféricos³. Cleonice: negra, idosa, diabética e hipertensa, não tinha condições nem o privilégio de parar de trabalhar nem condições de se cuidar, pois ainda que trabalhasse desde a infância – o que por si só já constitui trabalho infantil e herança colonial - não era aposentada, pois, de acordo com os seus parentes “ainda não havia tempo suficiente de contribuição”. Situação essa similar, na América Latina, a milhares de outras mulheres, empregadas domésticas e informais, que vivem em situação de desamparo e inexistência de um Estado de bem-estar social destinados a elas, como aponta coluna escrita por Debora Diniz e Giselle Carino (2020) no El País.

Os reflexos das diversas seguranças nos mostram que, na realidade, os indivíduos que não conseguem participar do jogo econômico assegurando-se, ou cujos modos de vida não condizem com a economia de mercado, são passíveis de eliminação e abandono. Os indivíduos tornam-se dependentes às seguridades e suas liberdades passam a ser condicionadas a partir das decisões governamentais, promovendo a insegurança. No âmbito da saúde, a falta de um sistema público em um país como os Estados Unidos, por exemplo, onde milhões de pessoas não possuem um plano de saúde em virtude dos altos custos ou o possuem, mas não conseguem bancá-lo por completo, deixam as pessoas desacobertadas e expostas à morte e ao abandono, ainda mais na situação pandêmica. O mesmo pode ocorrer no Brasil, pois ainda que tenhamos um sistema de saúde público e gratuito, ele tem sido constantemente atacado por políticas neoliberais de sucateamento e corte de gastos nos últimos anos⁴. São dois casos em que, seja um pela falta de cobertura, seja o outro pela possível sobrecarga de pacientes em virtude do desmonte do SUS, colocam os não-privilegiados, pobres e desfavorecidos em situação de completo desamparo e fragilidade, “onde se poderá decidir que tal doença, que tal tipo de sofrimento não se beneficiarão mais

³ É importante mencionar que se checarmos o quadro de contágio do coronavírus no estado do Rio de Janeiro, os bairros que concentram o maior número de casos confirmados e que iniciaram a dispersão do contágio são os da zona sul e da Barra da Tijuca, as zonas mais nobres.

⁴ O governo golpista Temer e o governo Bolsonaro promoveram intenso desmonte do SUS com cortes financeiros e implementação do teto de gastos. A matéria está indicada na bibliografia ao final.

de nenhuma cobertura, um ponto onde a própria vida não será mais protegida” e na qual “a questão que surge no presente é de saber se as pessoas irão aceitar serem expostas a certos riscos sem conservar o benefício de uma cobertura pelo Estado-providência” (Foucault, 2001: 1197).

Internacionalmente, acompanhamos os diversos países fortemente afetados pela COVID-19 levando milhares de corpos em caminhões lotados para serem enterrados em locais improvisados ou incinerados, sem que os seus parentes possam realizar cerimônias e se despedirem propriamente. Na desolação da morte, destroça-se a despedida e o desaparecimento mostra-se como outro tipo de poder também arrasador. No Brasil, esse cenário já se demonstra: além dos muitos casos de subnotificação, nos quais inúmeras pessoas permanecem veladas, a presidência e seus apoiadores estimulam o fim da quarentena, reduzem a magnitude do vírus e intensificam uma política que empurra à morte todas as pessoas que não podem se tratar ou se bancar tal como eles. Ao mesmo tempo, o Exército já consulta municípios para a realização de sepultamentos em massa, pois são corpos que da mesma forma que podem ser mortos, podem ser descartados e abandonados. Achille Mbembe (2020), em entrevista à Folha, nos diz que, na pandemia, o poder soberano de matar está “democratizado” em todos os indivíduos, mas quem vive e morre é algo completamente diferente, pois:

O sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer. [...] Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado.

Na lógica neoliberal, ou necroliberal, o desprezo e apatia com determinadas vidas, assim como seu abandono por aqueles que apoiam e disseminam políticas da morte estão diretamente ligadas com o racismo presente nas diversas estruturas populacionais enquanto dispositivo securitário e tecnologia de governo de corte entre os que devem morrer e os “cidadãos de bem”, entre os que “podem viver” e os que “morram quantos tiverem de morrer”⁵, isso porque:

a raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o *excedente*, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispendida sem reservas. [...] aquilo em cujo nome se operam cesuras no seio da sociedade, se estabelecem relações do tipo bélico, se regulam as relações coloniais, se distribuem e se aprisionam pessoas cuja vida e presença são consideradas sintomas de uma condição-limite e cujo pertencimento é contestado porque elas provêm, nas classificações vigentes, do excedente. (Mbembe, 2018b: 73).

⁵ Uma das mais recentes falas do presidente nazi-fascista da República.

O cenário pandêmico mundial trouxe para muitos a realidade dos horrores do presente e do cotidiano, principalmente no Brasil. Não demorou para várias vozes ao longo das redes sociais clamarem que o mundo havia percebido que não são as cifras virtuais que movem a economia, mas a exploração do trabalhador e a manutenção do abismo das desigualdades entre as elites e as populações social, econômica e etnicamente marginalizadas. Igualmente, não demorou para que a governamentalidade neoliberal junto aos seus líderes se mostrassem ineficazes, sozinhos, na preservação e promoção de um espaço e do res públicos capazes de cuidar de sua população.

De fato, acompanhamos e vivenciamos experiências de medo, dúvidas, abandono, raiva, horror, saudades e desolação, assim como também enfrentaremos os efeitos disso tudo. No entanto, não quero me prender na desesperança de um mundo apocalíptico ou na cegueira de um final feliz pós-pandemia. Acredito que o que precisamos ver se desenhar não é a decadência ou a ilusão, mas um porvir forjado pela possibilidade e continuidade da luta, tanto contra as políticas da morte, quanto contra a estas novas diretrizes de controle quarentênicas que hora ou outra vão querer se instalar no futuro do presente. Nunca nos esquecendo das razões e consequências desta pandemia, que também dizem respeito ao nosso passado e cotidiano, faz-se necessário colocarmos em questão nossas relações com o outro e os privilégios que nos constituem, na luta por um presente de alteridade e liberdade.

Bibliografia

AUGUSTO, Acácio. Guerra e pandemia: produção de um inimigo invisível contra a vida livre. In: n-1 edições. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/018>>. Acesso em: abril 2020.

BARAN, Katna. Consequências econômicas serão maiores do que 5.000 ou 7.000 que vão morrer, diz dono do Madero. **Folha de São Paulo**, Brasil, 23 de março de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/consequencias-economicas-serao-maiores-do-que-5-ou-7-mil-que-vaio-morrer-diz-dono-do-madero.shtml>>. Acesso em: abril de 2020.

BRIGGS, Helen. Coronavirus: Exploiting nature ‘drives outbreaks of new diseases’. **BBC News, Science and Environment**, 8 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/science-environment-52204724>>. Acesso em: abril de 2020.

CARINO, Giselle; DINIZ, Debora. Patroas, empregadas e coronavírus. **El País**, Brasil, 20 de março de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-21/patroas-empregadas-e-coronavirus.html>>. Acesso em: abril 2020.

CARRINGTON, Damian. Coronavirus: ‘Nature is sending us a message, says UN environment chief. **The Guardian**, Londres, 25 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/mar/25/coronavirus-nature-is-sending-us-a-message-says-un-environment-chief>>. Acesso em: abril de 2020.

COVID-19: “We are at war with a virus” – UN Secretary-General. Disponível em: <https://unric.org/en/covid-19-we-are-at-war-with-a-virus-un-secretary-general-antonio-guterres/>. Acesso em: abril de 2020.

CRUVINEL, Tereza. Bolsonaro abre o jogo: que morram quantos tiverem de morrer. **Brasil247**, Brasil, 18 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/bolsonaro-abre-o-jogo-que-morram-quantos-tiverem-de-morrer>>. Acesso em: abril 2020.

‘É UMA GUERRA’, diz ministro da Defesa sobre combate ao coronavírus. **Diário de Pernambuco**, Brasil, 16 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2020/04/e-uma-guerra-diz-ministro-da-defesa-sobre-combate-ao-coronavirus.html>>. Acesso em: abril de 2020.

FANTÁSTICO. ‘Uma pessoa muito batalhadora’, diz sobrinho de empregada doméstica que morreu de coronavírus. **G1**, Brasil, 22 de março de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/22/uma-pessoa-muito-batalhadora-diz-sobrinho-de-empregada-domestica-que-morreu-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: abril de 2020.

FILHO, Herculano Barreto. Áreas nobres do Rio concentram 70% dos casos; covid-19 avança para favelas. **UOL**, Rio de Janeiro, 25 de março de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/25/areas-nobres-do-rio-concentram-70-dos-casos-covid-19-avanca-para-favelas.htm>>. Acesso em: abril de 2020.

FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II : 1976-1988*. Paris : Gallimard, 2001.

_____. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Gallimard; Seuil: 2004b.

_____. *Sécurité, territoire, population*. Paris: Gallimard; Seuil: 2004a.

_____. “Desormais la sécurité est au-dessus des lois”. In: _____. *Dits et écrits II : 1976-1988*. Paris : Gallimard, 2001. p.366-368.

_____. Un système fini face à une demande infinie. In : _____. *Dits et écrits II : 1976-1988*. Paris : Gallimard, 2001. p.1186-1202.

MAGENTA, Matheus. Coronavírus: governo brasileiro vai monitorar celulares para conter pandemia. **BBC News Brasil**, Londres, 3 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52154128>>. Acesso em: abril de 2020.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial – o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

MARS, Amanda. Trump busca se redefinir como “presidente em tempo de guerra” em meio à crise do coronavírus. **El País**, Washington, 27 de março de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-27/trump-busca-se-redefinir-como-presidente-em-tempo-de-guerra-em-meio-a-crise-do-coronavirus.html>>. Acesso em: abril de 2020.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. Brasil: n-1 edições, 2018b.

_____. *Necropolítica*. Trad. Renata Santini. Brasil: n-1 edições, 2018a.

_____. O direito universal à respiração. Trad. Ana Luiza Braga. In: n-1 edições. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/020>>. Acesso em: abril 2020.

_____. Pandemia democratizou poder de matar. **Folha de São Paulo**, Brasil, 30 de março de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>>. Acesso em: abril 2020.

MELO, Maria Luisa de. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. **UOL**, Rio de Janeiro, 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>>. Acesso em: abril de 2020.

MOREIRA, Jéssica. Além do Coronavírus: 11 fatos mostram como o desmonte do SUS afeta a periferia. **Nós Mulheres da Periferia**, Brasil, 19 de março de 2020. Disponível em: <<http://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/alem-do-coronavirus-11-fatos-mostram-como-o-desmonte-do-sus-afeta-a-periferia/>>. Acesso em: abril de 2020.

NOGUEIRA, Italo. Exército consulta prefeituras do RJ sobre número de sepulturas para vítimas do coronavírus. **Folha de São Paulo**, Rio de Janeiro, 16 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/04/exercito-consulta-prefeituras-sobre-numero-sepulturas-para-vitimas-do-novo-coronavirus.shtml>>. Acesso em: abril de 2020.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Em ritmos distintos, países da Europa adotam ações parecidas contra o vírus. **Folha de São Paulo**, Bruxelas, 21 de março de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/03/em-ritmos-distintos-paises-da-europa-adotam-acoes-parecidas-contr-o-virus.shtml?cmpid=assmob&origin=folha>>. Acesso em: abril de 2020.

_____. ‘Estamos em guerra’, diz Macron, ao apertar restrições para conter pandemia. **Folha de São Paulo**, Bruxelas, 16 de março de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/estamos-em-guerra-diz-macron-ao-apertar-restricoes-para-conter-pandemia.shtml>>. Acesso em: abril de 2020.

PREFEITURA do Rio lança whatsapp 1746 para denúncias do Disk Aglomeração. Disponível em: <<http://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-do-rio-lanca-whatsapp-1746-para-denuncias-do-disk-aglomeracao/>>. Acesso em: abril de 2020.

RIBEIRO, Djamila. Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus. **Folha de São Paulo**, Brasil, 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml>>. Acesso em: abril 2020.

SARIS, Simoni. Degradação ambiental está na origem da pandemia. **Folha de Londrina/Grupo Folha**, Brasil, 28 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/reportagem/degradacao-ambiental-esta-na-origem-da-pandemia-2984391e.html>>. Acesso em: abril de 2020.

TOM, Nêggo. Nelson ‘Reich’ – o novo ministro da Saúde é um genocida. **Brasil247**, Brasil, 16 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/nelson-reich-o-novo-ministro-da-saude-e-um-genocida>>. Acesso em: abril de 2020.

WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: abril 2020.

ZIBELL, Matías. Mortos em casa e cadáveres nas ruas: o colapso funerário causado pelo novo coronavírus no Equador. **BBC News Mundo**, Equador, 1 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52129845>>. Acesso em: abril de 2020.